



ROQUE SIMÃO E O POVO SAKURABIAT: UM RELATO EM VÁRIAS VOZES

ROQUE SIMÃO AND THE SAKURABIAT PEOPLE: AN ACCOUNT IN SEVERAL VOICES

ROQUE SIMÃO Y LOS SAKURABIAT: UNA HISTORIA A VARIAS VOCES

Ana Vilacy Galucio¹

Rosalina da Silva Guaratira Sakyrabiar²

Lúcia Sakyrabiar³

Boni Sakyrabiar⁴

Olímpio Ferreira Sakyrabiar⁵

RESUMO

Este texto é um ensaio em homenagem ao indigenista Roque Simão, em virtude de sua extraordinária contribuição ao longo de várias décadas de trabalho junto aos povos originários do estado de Rondônia, Brasil. Trata-se de um texto memorial, apresentando as várias vozes de pessoas que conviveram com Roque Simão e guardam na lembrança memórias de uma vida inteira de colaboração e companheirismo com ele. Roque Simão hoje aposentado, vive, com uma de suas filhas, próximo à cidade de Porto Velho. Mesmo com limitações de saúde, ele sempre relembra dos tempos em que trabalhava com os Sakurabiat e outros povos de Rondônia. Esta homenagem, tem o objetivo de registrar alguns de seus feitos e de trazer o reconhecimento do povo Sakurabiat e da linguista Ana Vilacy Galucio à contribuição de Roque Simão, seja para a demarcação e proteção do território tradicional, seja para a documentação e valorização da língua e da cultura desse povo, seja para o bem viver de seus membros.

Palavras-chave: povos originários de Rondônia; indigenista Roque Simão; povo Sakurabiat.

1 Museu Paraense Emílio Goeldi/MCTI. E-mail: avilacy@museu-goeldi.br

2 Membro do povo Sakurabiat

3 Membro do povo Sakurabiat

5 Membro do povo Sakurabiat

5 Membro do povo Sakurabiat



ABSTRACT

This text is an essay in honor of the indigenist Roque Simão, for his extraordinary contribution over several decades of work with the indigenous peoples of the state of Rondônia, Brazil. It is a memoir, presenting the various voices of people who have interacted with Roque Simão and have memories of a lifetime of collaboration and companionship. Roque Simão is now retired, and lives with one of his daughters near the city of Porto Velho. Even with limited health, he always remembers the times when he worked with the Sakurabiat and other peoples of Rondônia. The aim of this tribute is to register his achievements and to bring recognition from the Sakurabiat people and the linguist Ana Vilacy Galucio to Roque Simão's contribution, be it to the demarcation and protection of traditional territory, or to the the documentation and valorization of the language and culture of these people, or for the well-being of their members.

Keywords: Rondônia native peoples; Roque Simão; Sakurabiat people.

RESUMEN

Este texto es un ensayo en homenaje al indigenista Roque Simão, por su extraordinaria contribución a lo largo de varias décadas de trabajo con los pueblos originarios del estado de Rondônia, Brasil. Es un texto conmemorativo de carácter personal, que presenta las diversas voces de personas que vivieron con Roque Simão y recuerdan recuerdos de toda una vida de colaboración y compañerismo con él. Roque Simão, hoy jubilado, vive hoy, con una de sus hijas, cerca de la ciudad Porto Velho. Incluso con limitaciones de salud, siempre recuerda los tiempos en que trabajó con los Sakurabiat y otros pueblos de Rondônia. Este homenaje tiene como objetivo dejar constancia de algunos de sus logros y llevar el reconocimiento y los Sakurabiat y de la lingüista Ana Vilacy Galucio por la contribución de Roque Simão, ya sea para la demarcación y protección del territorio tradicional, ya sea para la documentación y valorización de la lengua y la cultura de este pueblo, o para el bienestar de sus miembros.

Palabras clave: poblaciones originarias de Rondônia; el indigenista Roque Simão; Sakurabiat.

INTRODUÇÃO

Sou Ana Vilacy Moreira Galucio, linguista e estudiosa das línguas, sobretudo as línguas dos povos originários deste território hoje denominado Brasil. Apesar do meu sobrenome somente registrar as origens portuguesa e italiana dos meus avôs materno e paterno, eu também sou indígena, bisneta de uma mulher indígena da região do Rio Trombetas, no Estado do Pará. Infelizmente não sei sua etnia, mas trago comigo a força da sua ancestralidade. Com estas breves linhas introduzo o lugar de onde falo. Escrevo para prestar homenagem ao indigenista Roque Simão, um homem e humanista apaixonado pelos povos originários do mundo todo, em especial os povos do atual estado de Rondônia, onde atuou grande parte de sua vida. Além de apaixonado, Roque Simão é companheiro, parceiro, defensor da vida e dos direitos desses povos.

Nesta homenagem, além da minha voz, tenho a missão de transcrever a voz e o agradecimento do povo Sakurabiat ao seu Roque, como é conhecido entre os amigos. Começo com uma saudação de D. Rosalina da Silva Guaratira Sakyrabiar, filha de uma das três grandes matriarcas que conviveram com Roque, a saudosa D. Mercedes Guaratira. Em depoimento gravado especialmente para este número, D. Rosalina Guaratira Sakyrabiar começa saudando o amigo, chamado por ela carinhosamente de *Abaso* Roque “vovô Roque” e lhe manda uma saudação especial, falada na sua língua, a língua do seu povo Sakurabiat, na variedade Guaratira:



Figura 1 – Roque Simão
Fonte: As(os) autoras(es).

Eepagap sameka êt kěã, abaso
Roque. Ekoa kwirik nã kop eri.
Ekoa kwirik nã kop ebõ.
Oapitkwararapõõt êrõ.

“Boa tarde, vovô Roque, o
senhor está bem? Como é que o
senhor está aí onde o senhor
está? Espero que o senhor está
bem aí onde o senhor estiver,
onde o senhor tá. Eu não
esqueço do senhor.”

O não esquecer é um fator
presente em todos os
depoimentos que ouvimos entre
os Sakurabiat sobre seu Roque.
O entrelaçamento das línguas
portuguesa e sakurabiat quando
se referem ao seu Roque –
abaso ‘vovô’, *kwamõã* ‘pajé’ –

não é uma alegoria, mas reflete o entrelaçamento de vidas. *Abaso* “vovô” sempre foi a forma carinhosa que os mais novos se referiam ao Roque, e como veremos mais adiante, ainda se referem até hoje. Os mais idosos, como as saudosas D. Mercedes Guaratira, D. Vicência Sakyrabiar e D. Luzia Sakyrabiar, se referiam a ele como *kwamõã* “pajé”. Outros, como eu, simplesmente o chamam de Seu Roque.

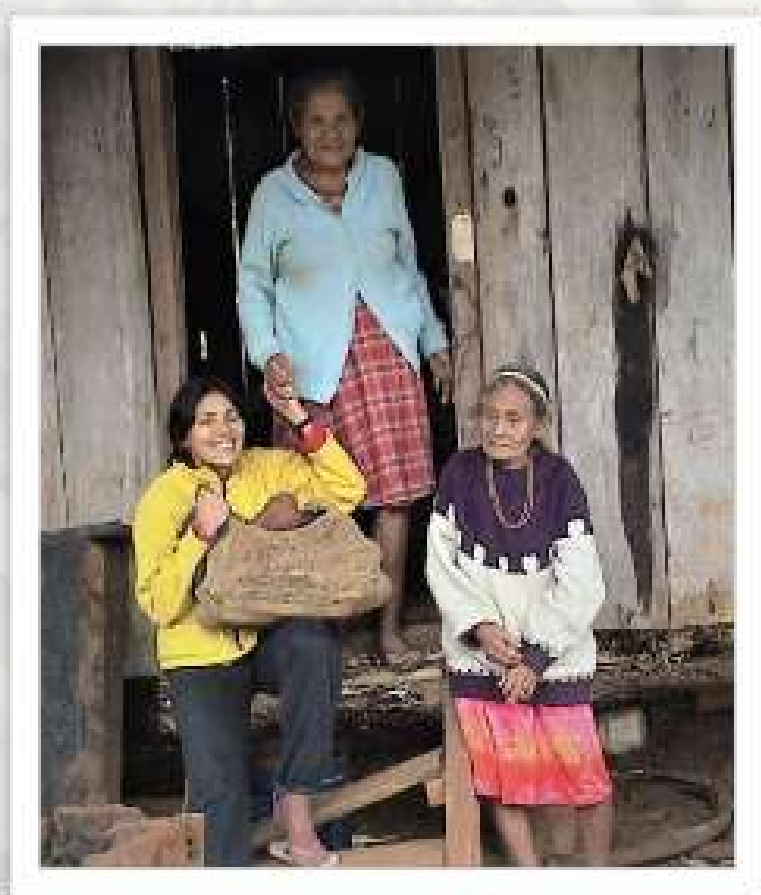


Figura 2 – D. Vicencia Sakyrabiar, D. Luzia Sakyrabiar e Vilacy Galucio, aldeia Koopi, 2008.
Fonte: As(os) autoras(es).



ROQUE SIMÃO E O POVO SAKURABIAT: RELATOS E REMINISCÊNCIAS

Eu conheci Roque Simão em janeiro de 1994, quando cheguei em Rondônia pela primeira vez, aos 22 anos de idade, para iniciar o trabalho que moldaria minha vida profissional para sempre: estudar a língua do povo Sakurabiat. O etnônimo Sakurabiat, também escrito nos documentos pessoais (RG, CPF) como Sakyrabiar ou Saquirabiar, é a autodenominação do povo indígena, originário da região dos rios Mekens e Tanaru, que escolheu esse etnônimo, outrora específico de um dos subgrupos (clãs) étnicos, para referir a todos os remanescentes do povo, ou seja, todos os clãs reunidos, após a grande redução populacional causada por motivos variados (epidemias de doenças antes desconhecidas, escravização nos seringais e migração forçada para outras regiões fugindo desses eventos dramáticos).

O humanista Roque Simão trabalhou durante muitas décadas como indigenista, atuando especialmente entre os povos Sakurabiat e Kwazá, em Rondônia. Em alguns momentos esteve vinculado profissionalmente ao Conselho Indigenista Missionário (CIMI), ao Conselho de Missão entre Povos Indígenas (COMIN), prestou serviços à Fundação dos Povos Indígenas (FUNAI), trabalhou de modo autônomo, prestando consultorias esporádicas a projetos de pesquisa, e trabalhou voluntariamente. Enfim, nunca esteve preso a uma ideologia religiosa ou política, mas sempre esteve a serviço do bem viver dos povos indígenas. Os diversos empregadores eram apenas a alternativa da vez para garantir a continuação do trabalho que ele fazia com ou sem remuneração.

Muito antes de meu primeiro encontro com ele, em 1994, ele já atuava junto a esses povos. Sua intervenção junto aos Sakurabiat iniciou na década de 1980, não sei se antes ou após a epidemia de sarampo que assolou e matou dezenas de pessoas desse povo. Lutou lado a lado em todo o longo processo que culminou com a demarcação da Terra Indígena Rio Mekens, território tradicionalmente ocupado pelo povo Sakurabiat, e da Terra Indígena São Pedro, território tradicional do povo Kwazá.

Segundo relatos do próprio Roque e de vários membros do povo Sakurabiat, ele foi um dos grandes incentivadores e parceiros atuantes nesse processo. Roque acompanhou o movimento da autodemarcação do território realizada por eles, em parceria com o padre Manoel Valdez Treviso, descendente do povo indígena Tarahumara, do México.





Figura 3 – Roque Simão chegando da roça, aldeia Koopi, 2008.
Fonte: Vilacy Galucio.

Movimento esse que foi fundamental para a conquista da demarcação do território. Roque atuou lado a lado com os Sakurabiat na luta pelo reconhecimento de seus direitos constitucionais. Lutou de modo contínuo durante muitos anos, ao lado dos grandes chefes dos Sakurabiat vivos naqueles tempos, entre eles o Sr Petaro Sakyrabiar, possivelmente o último grande pajé dos Sakurabiat, e do Sr. Carmelo Sakyrabiar, o último grande cacique geral, responsável pela reunião de todos os remanescentes após a drástica redução da população no final dos anos 1970 e início dos anos 1980.

A Terra Indígena Rio Mequéns foi homologada através do decreto s/n de 24 de maio de 1996 e está localizada dentro dos limites do município de Alto Alegre dos Parecis. Mas antes que acontecesse a demarcação e homologação, Roque Simão e Manoel Valdez atuaram de modo incansável, na luta contra as madeiras que haviam se instalado ilegalmente no território indígena, lutaram contra as ameaças e as violências sofridas pelos Sakurabiat, naquela época ainda conhecidos como Mekem ou Mekens, em referência ao rio onde se localizava parte do povo.

Essa atuação do Roque como indigenista que lutou lado a lado com os Sakurabiat na defesa do seu território tradicional e pela demarcação da terra indígena é relembrada até hoje pelos membros do povo Sakurabiat que conviveram com ele naqueles anos iniciais da década de 1980.



Cupuaçu, fruta presente em toda bacia amazônica.



Na voz de Lúcia Sakyrabiar, filha de D. Luzia Sakyrabiar e do saudoso Petaro Sakyrabiar, seu contato inicial com seu Roque, ainda muito moça, se deu justamente nessa época. Ela conta que:

“Seu Roque foi uma pessoa boa que eu conheci. Quando eu comecei conhecer ele, ele foi sempre uma pessoa boa com minha família. Eu tava com minha família lá na aldeia velha. Eu conheci ele foi lá, quando eu tava com meus pais ainda, com minha mãe ainda. E aí que eu conheci seu Roque. Ele e o padre Valdez naqueles tempos. Aí que eu conheci seu Roque, conheci ele e o padre Valdez quando eles entraram na nossa aldeia lá com finado meu pai. Eram eles dois que faziam a visita pra gente na aldeia. Eles chegavam a pé (vindo) de Pimenta Bueno, escondidos dos fazendeiros. Ele chegava de madrugada. Como meu pai era daqueles velhos antigos, né, ele fazia o cafezinho dele de manjerioba. (Meu pai) olhava pro caminho, já vinha seu Roque. De longe ele gritava pra seu Roque. Tinha até uma história que um apelidava o outro “Ei velho, você não morreu ainda, não?” E o outro gritava “Não. Quando eu morrer você vai ver”. Falavam assim um com o outro. Isso era uma brincadeira deles. Aí ele chegava, tomava café do meu pai que ele fazia de manjerioba. Aí eles conversavam, né, aqueles converseiros deles. Assim eu conheci seu Roque.”



Figura 4 – Lúcia Sakyrabiar e Vilacy Galucio, aldeia Baixa Verde, 2017.
Fonte: Carla Costa.





O cacique Olímpio Ferreira Sakyrabiar, filho caçula e o único filho ainda vivo dos saudosos Sr. Carmelo Sakyrabiar e D. Vicência Ferreira Sakyrabiar, fez questão de enviar um depoimento diretamente da sua aldeia. Sua mãe, D. Vicência Sakyrabiar, falecida recentemente, em 2021, foi grande amiga de seu Roque e uma das grandes incentivadoras e parceiras na documentação da língua de seu povo. Ao falar do Roque e do trabalho que ele fez, Olímpio nos conta que ele é:

“Excelente companheiro, amigo, lutou muito por nós sobre a demarcação. Foi o nosso guerreiro, né. Também o Valdez, não vou deixar ele de lado também. Os dois lutaram, arriscando a própria vida pra nos defender. Eles nos ajudaram muito. A Funai de Brasília foi informada e aí com um tempo depois a Funai nos reconheceu, veio até na aldeia. Meu pai também já se sentia com problema de saúde, mas o meu irmão o cacique Damião com a comunidade, nossos tios, nossos primos, a gente foi muito forte e a gente conseguiu a demarcação.

Então, eu só tenho que agradecer o seu Roque. Uma pessoa trabalhadora, uma pessoa de coragem, uma pessoa de fibra, né. Nos ajudou muito.

Manoel Valdez também nos ajudou muito. Graças a Deus, hoje nós temos essa terra indígena demarcada, né. Só tenho que agradecer ele”.

Retomando o depoimento de Rosalina Guaratira Sakyrabiar, ela enfatiza a importância do trabalho de Roque Simão para a demarcação do território e registra também sua gratidão, em uma mensagem direta endereçada a ele:

“Eu nunca esqueci do senhor, nem vou esquecer. Primeiro foi padre Manoel Valdez, depois veio você, vovô Roque, e o Frei Walmir. Vocês que brigaram muito pra demarcar essa terra onde nós estamos hoje. Onde eu estou. Eu tô aqui, em cima da terra que o senhor cuidou pra nós. Por causa de você que nós temos essa terra e eu tenho essa terra onde eu tô morando. E eu tô aqui, nós tamo aqui em cima dessa terra por causa do senhor. Vocês lutaram muito pra poder deixar essa terra pra nós morar. Por isso, eu nunca esqueço de vocês, de você vovô Roque. Agora eu tô aqui morando. Agora eu tô sozinha, meus dois irmãos já se foram. Só estou eu morando aqui, eu e os meus filhos, morando na terra que o senhor cuidou pra nós.”



Figura 5 – Roque Simão e Vicência Sakyrabiar, aldeia Koopi, 2016.

Fonte: Vilacy Galucio.

Outra faceta do trabalho de Roque junto aos Sakurabiat foi no fortalecimento e empoderamento desse povo, que trazia consigo o peso e as marcas de mais de 40 anos de sofrimento impetrado pelos *kwerep*, os não-indígenas. Nesse contexto Roque teve sempre duas características marcantes: a capacidade de escuta – uma escuta quieta, mas ativa – e o jeito único de fazer junto, de ajudar, mesmo quando parecia não ter como fazer. Talvez por isso, ele seja visto como um pai, um irmão, um membro da família. Alguém que sempre estava ensinando algo, ajudando em algo, alguém que não tinha preguiça, não tinha hora errada, estava sempre presente.



Figura 6 – D. Mercedes Guaratira, Vilacy Galucio e Rosalina Guaratira Sakyrabiar, sessão de documentação linguística, aldeia Baixa Verde, 2007.

Fonte: Roque Simão.

Isso fica claro na mensagem de Boni Guaratira Sakyrabiar, um dos filhos da finada D. Mercedes Guaratira e marido de Lúcia Sakyrabiar. Boni começa nos dizendo assim: “Seu Roque é segundo meu pai, eu gosto muito, (sempre) gostei muito (d)ele”. Boni Sakyrabiar fez questão de enviar uma mensagem para ser escrita na sua língua tradicional, a língua Sakurabiat (variedade Guaratira), na qual ele elabora essa imagem de seu Roque.



Otop nẽngãt ke tete seu Roque.
Oyke okip kaat nẽngãt ke te sete.
Kaarobõ te simõtkwa nõã. Ose
osesẽ osese koop. Ke tete sete otop
nẽngãtka oyke nẽngãtka okip
nẽngãtka. Okip ebõ ĕp se nẽngãt ke
te sete. Seãy ke tete sekoa kaarap
te sete. Mõtkwa te pe ose ipegap te
isobekat ke te sete. Kaat nã ose
oseieykwa ieykwa ose. Puruap sete
kaat. Kurẽp tuu ikobap ke te sete
imõtkwa.

“Seu Roque é como se fosse meu
pai. Ele é assim como meu irmão
mesmo, meu irmão mais velho e
meu irmão mais novo. Ele faz tudo
pra nós, não tem nada que ele não
faça. Tudo que nós pedimos ele faz.
Nós junto com ele. Por isso que nós
gostamos muito dele, do trabalho
dele. Nós gostamos do trabalho
dele”.



Figura 7 – Roque Simão apanhando bacaba,
aldeia Baixa Verde, 2008.
Fonte: Vilacy Galucio.

Boni Sakyrabiar continuou seu depoimento em português, reforçando que para ele o trabalho do seu Roque sempre foi apreciado porque ele lutava junto com eles pelas coisas necessárias para o povo e que, por essa razão, eles sentem saudade dele, eles sentem sua falta, sentem falta dos trabalhos que faziam juntos. Na variedade do português usada por ele, que traz a influência de uma tradução literal da sua língua, ele traduz saudade como dor, uma dor forte que indica como a ausência de Roque é muito sentida.

“Como ele vem pra cá e visitava todo mundo. No trabalho dele, (durante) muitos tempos trabalhamos junto com ele. Ele batalhava, batalhava muitas coisas, enfrentava muitas coisas. Por isso que (pra) nós aqui, é nosso coração, ele. Então, eu, pelo menos, pra mim, (ele) parece meu pai. Fizemos tanta coisa junto com ele, muito muito mesmo. Então, por isso que a gente tá com dor dele, muito mesmo. Por exemplo, eu tenho muita dor dele, ele fez muita coisa comigo, com nós aqui. Não tem como (a gente) achar ruim, (ele) é como meu pai mesmo, como meu irmão mesmo. Então, eu tenho muita dor dele, desse homem”.

O lado humanitário e solidário de seu Roque também é lembrado pelos Sakurabiat. Trago aqui a continuação do depoimento emocionado de Lúcia Sakyrabiar que registra todo o apoio que seu Roque deu a ela e sua família, durante vários anos. Ela também o compara ao seu próprio pai, o grande pajé Petaro Sakyrabiar, que faleceu quando ela era ainda muito jovem, e diz que aprendeu muita coisa com Roque:

“Depois disso, eu tive meus filhos, duas crianças especiais. E seu Roque ajudou a gente, nisso aí seu Roque ajudou também. Daí fomos mudando de aldeia em aldeia, até a Aldeia da Serraria Velha que falamos. Daí ele ainda andava por lá com a gente. Como se diz, pra mim ele foi uma boa pessoa. Foi como meu pai também, que me deixou cedo, ele ajudou a gente muito. Coisas que os outros não fazem pra gente, ele fazia, ele fez muita coisa pra gente, pra ajudar a gente. Eu com meus filhos, como se diz, eu me casei cedo, não sabia de nada. E ele, como se diz, contava histórias pra gente, muitas coisas ele contava. Coisas que a gente não sabia, a gente aprendia com ele. Depois eu tive a minha família, foi ele que me ajudou, foi ele que me acolheu. Ele me tirou pra Pimenta Bueno, com o auxílio da enfermeira Zaíde. Foi ele que me deu a mão. (...) como dizem os outros, um ombro amigo. Nessas horas, o seu Roque tava (sempre) com a gente. Ele falava pra gente assim “tira as crianças pra rua pra consultar (elas)” Ou ele mesmo pegava a gente e levava. E nós fomos (vivendo) assim, ele ajudando a gente. Até que a gente saiu pra Pimenta Bueno com as crianças doentes. E ele tava ao lado nosso também. Ele fazia de tudo pra nós, pra arrumar uma comida, porque lá em Pimenta a gente ficava sem nada. Nós não tínhamos nada, não tínhamos como arrumar comida pra nós, ele conseguia. (...) Tinha dia que nós não tínhamos nada pra comer e o seu Roque tirava 10 reais (do bolso), que naquele tempo era 10 reais, e pagava um frango pras minhas crianças. Então pra mim, seu Roque foi uma boa pessoa”.





Figura 8 – Ivonei Sakyrabiar, filho de Boni e Lúcia Sakyrabiar, e Roque Simão. Aldeia Baixa Verde, 2012.
Fonte: Vilacy Galucio.

No mesmo depoimento, Lúcia Sakyrabiar continua contando como foi a atuação decisiva de seu Roque para que ela e sua família voltassem para a aldeia e pudessem constituir novamente seu lugar dentro do território:

“Fiquei um tempo em Pimenta Bueno, fazendo tratamento do meu filho. E ele me ajudou até o dia que eu vim embora pra cá, pra aldeia que hoje eu estou aqui. Como se diz, se tô aqui, não foi por mim mesma, não. Não foi por mim que eu tô aqui nessa aldeia, foi por causa de seu Roque. Ele pegou a toyota dele; dele, não, que ele andava;

ele trouxe nós até aqui. Aqui ele deixou nós, veio até junto com seu Fernando, que hoje ele já não existe mais também.

Eles vieram junto e deixaram nós aqui. No meio de um pasto. Era tão grande aqui que só tinha pasto. Ele deixou nós aqui no meio do pasto com as duas crianças especiais e mais os outros dois que já eram grandes. Nós viemos passar as férias pra cá. (...) Nós viemos passar as férias aqui e até hoje nós estamos aqui. Foi aí que nós abrimos aqui esse lugar, com o pai dos meninos lutando. Até que chegou o tio, que deixou nós esses dias (o cacique Geraldinho Sakyrabiar faleceu em março de 2025). Ele veio por dentro do mato e começou ajudar a gente e daí seu Roque voltou e deixou nós aqui. E nós estamos aqui até hoje. Fomos abrir o lugar. E essa é a história do seu Roque. Daí nunca mais eu vi ele. Eu só vi ele depois disso quando ele veio uma vez aqui. Daí nunca mais eu vi ele. Eu queria ver seu Roque, soube que ele está doente e queria ver ele, mas até hoje não deu”.

Em um outro trecho de seu depoimento-homenagem ao Roque, Lúcia Sakyrabiar nos diz que foram tantas coisas nas quais seu Roque ajudou, desde a luta pela terra, os registros de documentação, a saciedade da fome quando precisaram, tantas e tantas histórias que nunca serão esquecidas.





“Essa é a história que eu sei de seu Roque, que me ajudou muito. Eu tenho que falar que seu Roque foi como um pai pra mim, que eu não tive meu pai muito tempo comigo. Ele foi muito boa pessoa pra mim, ajudou muito na hora difícil. Isso que eu conheço dele. E muitas (outras) coisas também que ele ajudou. Pra essa terra que nós estamos hoje, ele ajudou muito. (Ajudou) a ir pra Brasília, fazia documentos pra a gente voltar pra aldeia, fez fotos pra levar pra Brasília pra ver se o pessoal (de Brasília) acreditava. Foi aí que ele fez essas coisas pra gente. É isso aí que eu sei do seu Roque, que eu vi, né. É isso aí que eu tenho pra dizer, que ele, como se diz, foi um grande pai e um grande amigo. Por isso que eu digo, essa pessoa pra mim foi como um parente da gente, como um amigo, como um pai. Eu falo pros meninos até hoje. Quando eu não tinha nada, ele dava 10 centavos, 1 real, 2 reais pros meninos comprar pão. Isso eu não esqueço nunca. Isso eu vou levar comigo, como uma história dele, como do meu pai, eu vou levar comigo. Não vou esquecer nunca o que ele fez por nós”.



Figura 9 – Manoel F. Sakyrabiar e Roque Simão (na Toyota), tentando desobstruir a estrada, 2002.

Fonte: Vilacy Galucio.

Hoje, os outros filhos de Lúcia, os meninos mencionados por ela, são adultos e têm suas próprias famílias e filhos. Sua filha Elinei Sakyrabiar me contou que ela lembra bem do seu Roque e sempre fala para os seus filhos que ele como foi um avô para ela e seus irmãos. Isso mostra como as ações de Roque foram sentidas e tiveram um impacto positivo na vida de suas famílias.

A valorização da língua e da cultura tradicionais dos Sakurabiat foi também uma bandeira defendida pelo Roque Simão. Ele levantou essa bandeira não de forma retórica, mas de maneira prática e objetiva. Lembro bem do nosso primeiro encontro, quando cheguei na aldeia principal dos Sakurabiat, em 1994. Roque me recebeu de forma muito efusiva e disse algo que naquele momento não consegui entender. Ele me disse “Que bom que você chegou!” Era como se ele estivesse esperando por mim. E, na verdade, estava. Não necessariamente por mim, mas por um(a) linguista que fosse estudar e documentar a língua tradicional dos Sakurabiat. Roque já havia percebido a situação de vulnerabilidade da língua, a qual já naquela época não estava sendo transmitida (ensinada e aprendida) para as novas gerações. Ele não somente aguardava ansioso por alguém que assumisse essa missão, tão necessária, como também fomentou entre os Sakurabiat o conhecimento de que essa ação era necessária e importante.

Assim, quando cheguei para iniciar o estudo e documentação da língua, fui recebida com muito carinho pelo povo e se desenvolveu rapidamente uma relação de parceria e cumplicidade, entre mim, os anciãos e os falantes mais jovens. Uma das primeiras missões que me deram foi de registrar as histórias tradicionais do povo e de organizar como poderíamos escrever essas histórias na língua, ou seja, de desenvolver junto com eles o sistema ortográfico da língua Sakurabiat.

O sistema de escrita da língua Sakurabiat foi estabelecido em um trabalho conjunto, desenvolvido com os falantes da língua, entre os anos de 1996 e 1998. Nesse período, realizamos, na Terra Indígena Rio Mekens, um programa de alfabetização de adultos para ler e escrever na língua Sakurabiat, para o qual sempre contamos com a apoio discreto do seu Roque. Com base nos estudos da língua, o alfabeto Sakurabiat é representado pelos seguintes grafemas: a, ã, aa, ãã, b, e, ee, ã, ãã, g, i, ii, ã, ã, k, kw, m, n, ng, ngw, o, oo, õ, õõ, p, r, s, t, u, uu, ã, ãã, w, y, '. Podemos observar que esse sistema é diferente do alfabeto da língua portuguesa pois ele representa os sons próprios da língua Sakurabiat. E mesmo grafemas que existem no alfabeto português representam sons diferentes em Sakurabiat. O grafema ou letra “u”, por exemplo, representa um som que não existe em português, a vogal central alta [ɨ] que é pronunciada com os lábios estendidos e soa quase como a primeira vogal da palavra “Tânia” em português. Seu Roque acompanhou conosco todas as discussões para a definição do alfabeto, sempre interessado em aprender como escrever a língua dos nossos amigos Sakurabiat.



Figura 10 – Roque Simão com Gabriel Sakyrabiar, filho de Elinei Sakyrabiar e neto de Boni Sakyrabiar e Lúcia Sakyrabiar, aldeia Koopi, 2012.
Fonte: Vilacy Galucio.



Figura 11 – Elias Pasaká Sakyrabiar, Vilacy Galucio e Manoel F. Sakyrabiar, sessão de registro das histórias tradicionais, casa de Roque Simão, Pimenta Bueno, 2002.
Fonte: Roque Simão.



Figura 12 – Ilustração de Lídia Sakyrabiar e Ozélio Sakyrabiar para a narrativa de Pasiare, narrada por Elias Pasaka Sakyrabiar.

O livro de narrativas Narrativas tradicionais SAKURABIAT mǎyǎp ebõ foi publicado em 2006. Essa coletânea bilingue contém 25 narrativas apresentadas nas três variedades conhecidas da língua Sakurabiat e suas respectivas traduções para o português. Nela vemos e ouvimos as vozes dos narradores, os anciãos e anciãs Sakurabiat – D. Mercedes Guaratira, D. Vicência Sakyrabiar, Sr. Elias Passaká Sakyrabiar, Sr. Pedro Artur Sakyrabiar (posteriormente auto identificado como Pedro Kampé); dos tradutores – Sr. Manoel Ferreira Sakyrabiar, Sr. Olímpio Ferreira

Sakyrabiar e D. Rosalina Guaratira Sakyrabiar; e dos ilustradores que à época eram crianças, Lídia Ferreira Sakyrabiar e Ozélio Ferreira Sakyrabiar. Esse livro registra uma pequena fração da cosmologia Sakurabiat, em toda sua força e beleza.

Essa pequena apresentação desses dois produtos do trabalho de estudo e documentação da língua Sakurabiat é também para agradecer ao meu amigo Roque Simão. Ele esteve presente de forma ativa e companheira em todas as visitas ao território dos Sakurabiat nas quais esses produtos foram sendo elaborados e contribuiu de inúmeras maneiras para esses resultados.

Roque foi um parceiro incansável das atividades que desenvolvi entre os Sakurabiat desde aquela primeira visita em janeiro de 1994. Ele era sempre meu companheiro inseparável em todas as visitas que fiz aos Sakurabiat. A última vez que ele esteve comigo na Terra Indígena Rio Mekens foi em 2017, na visita que fiz com minha então aluna de graduação Carla Costa.

Durante esses quase 25 anos da nossa colaboração, Roque foi um grande entusiasta do trabalho de documentação da língua e de outros aspectos culturais dos Sakurabiat. Tivemos muitos momentos de trabalhos conjuntos e de conversas sobre tantas coisas. No início, nos primeiros anos, ainda na década de 1990, dividimos horas intermináveis de viagem entre Pimenta Bueno e as aldeias na TI Rio Mekens, a bordo do famoso jerico, com partida a manivela, construído pelo próprio Roque, que tantos perrengues ajudou a resolver. Durante muitos anos, o jerico do seu Roque era o único meio de transporte acessível e sempre disponível para os Sakurabiat e qualquer outra pessoa que precisasse sair ou entrar na T.I. Rio Meques, eu entre elas.

Tivemos incansáveis horas de caminhada pela floresta das aldeias, ainda quando os caminhos eram apenas caminhos abertos sem ferir a floresta, quase sempre acompanhados de alguma criança, que nos ensinava sobre a vida na floresta. Seu Roque me deu aulas de sobrevivência na floresta, aulas de empatia, de solidariedade, de amor incondicional a um povo, mas não um povo genérico, pois cada pessoa era vista e percebida na sua individualidade. Ele também me deu aulas de antropologia e sociologia, sempre a partir das ações práticas e daquela escuta ativa que é sua característica peculiar.

Creio que essa visita em 2017 foi a última vez que seu Roque esteve entre os Sakurabiat, no Território que ele de forma tão ativa ajudou a demarcar e proteger. Ou como nos disse Rosalina Guaratira Sakyrabiar, “na terra que ele cuidou para nós (o povo Sakurabiat) morar”. Mas, ainda que distante, pois agora ele mora com sua filha Berenice Simão, próximo à cidade de Porto Velho, sua presença continua muito viva nos corações e na memória de todos nós. Como foi fortemente expresso nos depoimentos de Rosalina, Olímpio, Lúcia e Boni, sua ausência é muito sentida e ele nunca foi nem será esquecido. Como nos diz Rosalina Sakyrabiar, falando na sua língua materna, a saudade do seu Roque é enorme, ele mora no coração das pessoas que nunca param de pensar nele.



Figura 13 – Elias Pasaká, Manoel F. Sakyrabiar e Olímpio F. Sakyrabiar, transcrevendo e traduzindo histórias tradicionais, casa de Roque Simão, Pimenta Bueno, 2002.
Fonte: Vilacy Galucio.



Figura 14 – Aldeia Serraria Velha, 1994. Roque Simão arrumando o jerico para levar as pessoas para Pimenta Bueno e Cacoal.
Fonte: Vilacy Galucio.

Oapitkwara tuyapo òt erõ seu roque. Opibõ ãp ekoop.
“Eu não esqueço do senhor, seu Roque, você está dentro de mim”

Para finalizar, junto-me ao cacique Olímpio Sakyrabiar e deixo registrado também nossos agradecimentos ao Roque, aos seus filhos e filhas, (bis)netos e (bis)netas. O tempo e a dedicação que ele doou pela causa dos povos originários de Rondônia e, sobretudo aos Sakurabiat, foram preciosos e ajudaram a garantir a vida e o território de um povo. Olímpio concluiu seu depoimento enfatizando esse sentimento de gratidão

“Eu quero agradecer muito cada um dos filhos dele, cada uma das filhas, né. Roque foi um cara que a gente não pode deixar esquecer. Graças a Deus, eu só quero deixar um forte abraço pra ele. Eu vou deixar meu abraço aqui, estou falando pela comunidade aqui Sakyrabiar, né, aqui da aldeia Koopi”.

Abaso Roque, oseapitkwararapo ose ãrõ.
“Vovô Roque, nós não esquecemos de você!”





Figura 15 – Roque Simão e Ozenilo, filho caçula de Olímpio Sakyrabiar e Margarete Macurap Sakyrabiar, aldeia Koopi, 2007.
Fonte: Vilacy Galucio.

Ana Vilacy Moreira Galucio. Graduada em Língua e Literatura Portuguesa e Francesa pela Universidade Federal do Pará (1994), mestrado em Linguística pela *University of Chicago* (1996) e doutorado em Linguística pela *University of Chicago* (2001). Atualmente é pesquisadora titular do Museu Paraense Emílio Goeldi do Ministério de Ciência Tecnologia e Inovação, onde exerce/exerceu as seguintes funções: Curadora da Coleção Linguística (2020-presente), Coordenadora da Coordenação de Ciências Humanas (2008-2015) e Coordenadora de Pesquisa e Pós-graduação (2015-2018). Professora Credenciada (DP) do Programa de Pós-graduação em Letras: Linguística e Estudos Literários (Mestrado e Doutorado), da Universidade Federal do Pará, e do Programa de Pós-graduação em Diversidade Sociocultural (Mestrado) do Museu Paraense Emílio Goeldi.

Rosalina da Silva Guaratira Sakyrabiar; Lúcia Sakyrabiar; Boni Sakyrabiar; Olímpio Ferreira Sakyrabiar. O povo Sakurabiat, que é constituído por vários grupos ou clãs, possui seu território tradicional demarcado desde 1996, a terra Indígena Rio Mequéns. Como um ato simbólico e político, o povo informa que “sua autodenominação significa “aqueles que se juntaram”, refletindo a união de antigos subgrupos em um só povo. De tradição e língua próprias – pertencente à família Tupari – o Sakurabiat enfrenta hoje o desafio da preservação de sua cultura e idioma, pois a língua nativa é falada fluentemente por poucos, principalmente anciãos. Mesmo assim, o grupo mantém viva sua identidade, história e laços com o território ancestral, resistindo às pressões externas e buscando fortalecer suas raízes para as futuras gerações” (GALUCIO, A. V. Sakurabiat. *Instituto Socioambiental*, 2021. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Sakurabiat>. Acesso em: 07 jul. 2025.)

